

CAFÉ E ATIVIDADES INDUSTRIAIS NO NORTE DO PARANÁ: A FORMAÇÃO DE UM COMPLEXO CAFEEIRO? (1940-1970)

Leonardo Antonio Santin Gardenal¹

Mestrando em História Econômica (FFLCH-USP)

santingardenal.leonardo@gmail.com

Resumo

A atividade cafeeira na região norte do Paraná teve significativa importância para o estado, entre 1930 e 1970. As transformações ocorridas pela inserção da cultura na região partem do aumento populacional, que induziu o crescimento das cidades e também o surgimento de diversas atividades urbanas sob a influência da cafeicultura. O objetivo deste trabalho é compreender alguns determinantes que levaram a cultura cafeeira a se estender ao Paraná a partir de São Paulo na década de 1930, assim como, de verificar razões que levaram ao seu declínio, em fins da década de 1960. Neste contexto, busca-se ainda compreender a relação entre a cafeicultura e as atividades industriais na região de Londrina, discutindo por meio da definição de Cano (1977), a validade da constituição de um complexo cafeeiro no Paraná.

Palavras-chave: cafeicultura; indústria; Paraná; complexo cafeeiro; desenvolvimento econômico.

Abstract

The coffee activity in north of Paraná had significant importance for the state between 1930 and 1970. The transformations occurred by the insertion of this culture in the region starts from the population increase, which induced the growth of the cities and also the emergence of several urban activities under the influence of coffee cultivation. The objective of this paper is understand some determinants that led the coffee culture extend to Paraná from São Paulo in the 1930s, and verify reasons that led to its decline in the late 1960s. In this context, we finish discussing about the validity of Paraná had constituted a coffee complex (Cano, 1977).

Key words: coffee culture; industry; Paraná; coffee complex; economic development.

¹ Graduado em ciências econômicas Universidade Estadual de Maringá, mestrando em História Econômica pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Grandi (FEA/USP).



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Introdução

A inserção das atividades cafeeiras na região Norte do Paraná provocou significativas transformações para o estado. Essas transformações partem do grande afluxo populacional, induzindo o rápido crescimento de cidades e o surgimento de diversas atividades urbanas que, sob a influência do café, se desenvolveram na região.

Neste contexto, o objetivo do trabalho será de compreender os determinantes que levaram a extensão da cafeicultura ao Paraná a partir de São Paulo e posteriormente, o seu declínio. Ainda, de acordo com as atividades industriais identificadas entre 1940 e 1970, verificar a validade da constituição de um complexo cafeeiro na região do Norte Novo² do Paraná.

Para a elaboração deste trabalho, adota-se uma análise de dados identificados no âmbito dos censos do IBGE (1940, 1956, 1960 e 1970) e de relatórios elaborados pela Codepar. Determina-se ainda, para a análise da constituição de um complexo cafeeiro, o conceito elaborado por Cano (1977) em sua obra “Raízes da Concentração Industrial em São Paulo”.

Embora seja a primazia ocorrida em São Paulo no processo de acumulação do capital industrial através da atividade cafeeira que determine a singularidade do complexo cafeeiro capitalista paulista, acredita-se que os elementos usados por Cano (1977) podem ser aplicados a outras regiões. Portanto, não se tem por objetivo realizar uma comparação do caso paulista com o paranaense, mas sim, de lançar mão dos elementos capazes de induzir um processo de formação industrial a partir do capital gerado pelo café para se compreender o caso do Paraná. Dessa forma é possível evidenciar a relação entre a atividade primária e a industrial na região, bem como de se compreender a importância do capital cafeeiro para o desenvolvimento econômico do Paraná.

Por fim, discute-se a validade da cafeicultura no Norte do Paraná ter constituído um complexo cafeeiro, e os limites existentes para o desenvolvimento das atividades industriais no Paraná, diante da existência do próprio complexo cafeeiro capitalista de São Paulo e do estágio de desenvolvimento da indústria própria brasileira no período.

² Considerando a disponibilidade de dados e a marcante característica da cafeicultura paranaense, determinou-se para análise a região de Londrina (35 municípios), no Norte Novo, de acordo com a divisão geográfica elaborada pelo PLADEF/SAGMACS em 1963.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

A inserção da cafeicultura no Norte do Paraná

Para se entender a cafeicultura no Norte do Paraná é necessário remontar a alguns fatores que levam a extensão, e em muitos casos, a migração da atividade em São Paulo ao território paranaense. Embora se discuta a relação entre a cafeicultura paulista e paranaense, como já mencionado, não se tem o objetivo de se criar uma análise histórica comparativa da cultura nas duas regiões, pois, como se sabe, têm seu apogeu em épocas distintas, sob a influência de políticas, tecnologias e estruturas divergentes.

Os elementos que motivam a introdução do café no Paraná a partir de São Paulo se encontram principalmente na fertilidade das terras, nas condições de escoamento e pela possibilidade de financiamento a pequenos proprietários.

No estado de São Paulo o cultivo do café se deslocou geograficamente dentro da estrutura das famílias produtoras, onde os descendentes recebiam terras mais ao oeste para se estabelecerem e formarem fazendas.

O deslocamento do cultivo de café dentro de São Paulo realizou-se no interior das famílias de fazendeiros com a sucessão de gerações na região sob o espírito bandeirante inalterado de seus membros. Se o avô tivesse uma plantação na área de Campinas, os filhos se radicariam na região da alta mogiana, próximo a Ribeirão Preto e, por sua vez, investiriam para os filhos em plantações de café na região da alta paulista. (MONBEIG, 1952:110).

Kohlhepp (2014:83) afirma que essa expansão se deu para o centro do estado de São Paulo cuja formação é de *arenito crétace* do grupo Bauru e para os espigões entre os afluentes do Rio Paraná. Ao sul, essa extensão foi limitada pelo clima mais frio tendo como limite a linha férrea de Itararé (TAUNAY, 1943:230).

Por influência geológica, o Norte Velho do Paraná passou a constituir-se o no destino da produção cafeeira pelos espigões de terra roxa e, posteriormente o Norte Novo, também como um “*prolongamento do grande arco de circulo dos arenitos de Botucatu que, em território paulista, formam um solo particularmente fértil pela decomposição superficial dos diábases da terra roxa*” (MONBEIG, 1941:11).

A presença da malha ferroviária paulista foi também fundamental para tornar a implantação da cultura cafeeira viável no Paraná, assim como estimular a interiorização.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Como afirma Taunay (1943:230) “*as estradas de ferro foram os factores precípuos da avançada cafeeira pelo interior, aos municípios que a precederam, levando o estímulo do transporte rápido e com ele o da expansão, aos novos, desvendando novos filões a explorar*”.

Portanto, a expansão foi também determinada por três grandes troncos ferroviários, tendo como extremos as águas fluviais de Minas Gerais, do Mato Grosso e do Paraná. Dentre as ferrovias paulistas, a Sorocabana foi a que contribuiu para a expansão da cafeicultura para o Paraná, pois, após cortar a região mais fria do estado de São Paulo, chegava a Botucatu e São Manuel, e posteriormente a Ourinhos, de onde se faria a ligação com o Paraná. (TAUNAY, 1943:233).

No Paraná, o escoamento da produção se dava exclusivamente pelo porto de Santos até 1920, pois, não havia ligação do norte do estado com o porto de Paranaguá. E permaneceu utilizando a estrutura ferroviária paulista em larga escala até a década de 1960, embora sejam também registradas exportações regulares por Paranaguá a partir de 1924. (BALHANA, 1969:221)

Após a crise de 1929 a cultura cafeeira não encontrou mais condições de expansão inserida nas estruturas anteriores encontradas em São Paulo, passando então da iniciativa de grandes fazendeiros para pequenos proprietários de terra, compostos muitas vezes por imigrantes europeus e orientais. A este efeito soma-se também a migração de trabalhadores do nordeste, como mão de obra na lavoura. (KOHLHEPP, 2014:83)

No Paraná, especialmente no Norte Novo, a colonização se deu em âmbito privado, afastando a importância e autoridade de grandes plantadores, e assim abrindo a possibilidade de que os pequenos e médios estabelecimentos agrícolas tornassem os dominantes no momento em que a cafeicultura começava a revigorar após a grande crise. (KOHLHEPP, 2014:85).

Quanto à estrutura fundiária, Milliet (1941) observa que em São Paulo, na década de 30, as propriedades com dimensões entre 1 e 25 alqueires aumentaram em todas as regiões cafeeiras do estado. Entre elas, a alta sorocabana, que foi a região pela qual o café chegou ao Paraná. Assim, uma adequação para a produção cafeeira após a crise de 1929 também já era observada na cafeicultura paulista.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Em sentido contrário, Monbeig (1945:14) observa em cidades do Norte Velho do Paraná, região que foi o primeiro acesso da cafeicultura no estado, elementos típicos da fazenda tradicional paulista, descritos na cidade de Cornélio Procópio.

O viajante, vindo de Ourinhos, ao chegar à estação de Cornélio Procópio, depois que seu trem galgou uma grande subida, descortina uma paisagem extensa: ao redor das casas ainda espalhadas de Cornélio Procópio o café domina ainda; os cafezais mais velhos têm cinco a seis anos de existência e dão mostra de farta colheita; entre os carreirões, o milho e o algodão fornecem o aspecto clássico do cafezal paulista.

Entre Londrina e Arapongas nada de semelhante: (...) Para lobrigar a terra já derrubada, é preciso tomar um caminho perpendicular à estrada descendo para a água à margem da qual se acha a casa do colono: a tática é pois inversa da seguida em Cornélio Procópio na região cafeeira (...). (...) podemos verificar imediatamente a utilização do relevo por um empreendimento de colonização bem concebido. (MONBEIG, 1945:14-15).

Portanto, entre a alta sorocabana (região de Ourinhos-SP) e o Norte Novo (região de Londrina-PR), tem-se uma zona de transição das características de cultivo do café tipicamente paulista para o que se perpetuou no Paraná após a década de 1930. Essa zona de transição é o denominado Norte Velho, composto principalmente pelas cidades de Jacarezinho, Cambará e Cornélio Procópio.

A peculiaridade da cafeicultura no Norte Novo do Paraná, que representará grande peso econômico para o estado todo, se dá principalmente pela presença do investimento estrangeiro direto. Ao contrário dos latifúndios paulistas, oriundos das sesmarias, houve na região a presença de empresas estrangeiras colonizadoras, como a *Brazil Syndicate*, depois *Paraná Plantations Co.*, posteriormente chamada de Companhia de Terras Norte do Paraná e, atualmente, Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Essas empresas, tornando-se proprietárias de extensas áreas nesta região do estado, verificaram maior lucratividade por meio do loteamento e venda em pequenas datas do que a partir da manutenção e cultura do algodão, que constituiu o interesse primário (IZEPÃO, 2008).

O interesse do investimento inglês na região remonta a década de 1920, quando o governo do presidente Arthur Bernardes estabeleceu relações para que técnicos ingleses



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

viesses ao Brasil. Nessas missões os ingleses buscavam avaliar as condições econômicas, comerciais e estabelecer acordos para as dívidas brasileiras junto à Inglaterra.

Assim, a missão chefiada por Lord Montagu, que era diretor da *Sudan Cotton Plantations Syndicate* e assessor para assuntos de agricultura e florestamento, após visitar diversas regiões, interessou-se pelas características geográficas, clima e pela fertilidade das terras do Norte do Paraná (CMNP, 2013). Lord Montagu já havia sido secretário de estado para as Índias e secretário financeiro do tesouro da Inglaterra, e no Brasil esteve acompanhado por vários assessores, investidores, diretores de bancos e representantes de empresas (CMNP, 2013).

O principal interesse da missão até então era na compra de terras para o plantio do algodão. Os ingleses já tinham experiência da produção no Sudão, e buscavam substituir a produção de lá pelo Paraná, motivados pelas crises ocorridas na produção africana. (LUZ; OMURA, 1975).

Em 1927, com a visita de Lord Lovat ao Norte do Paraná, estabeleceu-se definitivamente a aquisição de 500.000 alqueires de terras devolutas por meio da *Paraná Plantation Ltd.*, empresa já constituída em 1925 para este fim (LUZ; OMURA, 1975). Esta empresa, como já mencionado, se desdobrou em duas subsidiárias, a Companhia de Terras Norte do Paraná, com o objetivo de promover a colonização em si, e a Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná, adquirida com o objetivo de estender a via férrea pelas áreas loteadas a partir do entroncamento já existente entre o município de Ourinhos – SP e Cambará – PR (CMNP, 2013).

A Companhia de Terras Norte do Paraná tomou posse em julho de 1929, instalando sua sede e fundando a cidade de Londrina que, a partir de então, experimentou um crescimento vertiginoso. De acordo com dados da CMTP (2013), até o ano de 1943 foram comercializados 17.000 alqueires, e até 1953, 400.000 alqueires, num total de 26 mil lotes agrícolas. Uma ideia corrente na região, ainda hoje, é que pela rápida valorização, o loteamento de um único bairro de Londrina foi capaz de pagar o investimento inteiro da Companhia.

As ações da Companhia se davam, conforme a abertura de novos loteamentos, por três frentes:



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

1. Colonização: com a realização da medição, planejamento, loteamento e comercialização;
2. Transportes: por meio da abertura de estradas de rodagem, da construção de estradas de ferro, e do prolongamento da ferrovia conforme os loteamentos se ampliavam;
3. Planejamento: implantação de núcleos urbanos, sendo cidades a cada 100 km e de patrimônios a cada 25 km (LUZ; OMURA, 1975).

Para comercializar os lotes a Companhia de Terras Norte do Paraná os dividiu em três categorias: as denominadas datas, correspondentes aos terrenos urbanos, com a dimensão de 500 a 600m²; chácaras, localizados ao redor das cidades, patrimônios e vilas, com até 5 alqueires paulistas³, com o objetivo de compor um cinturão verde capaz de abastecer as cidades de alimentos; e por fim, os lotes agrícolas, com dimensão à partir de 5 alqueires, localizados na zona rural, cujo preço variava conforme a distância e a facilidade de escoamento da produção (LUZ; OMURA, 1975).

Tipo de Lote	Localização	Dimensão	Pagamento na Entrada	Prazo de Pagamento
Datas	Região urbana	500-600m ²	50%	1 ano
Chácaras	Redor cidades e vilas	5 alqueires paulistas	40%	2 anos
Agrícolas	Área rural	A partir de 5 alqueires paulistas	30%	4 anos

Quadro 01. Financiamentos, dimensões e prazos na comercialização dos lotes da Cia. Norte do Paraná.

Fonte: Adaptação do autor, com base em: LUZ; OMURA (1975).

É possível se observar que embora o investimento fosse maior, os prazos de financiamento para os lotes agrícolas eram quatro vezes maiores do que o prazo para pagamento das datas urbanas, bem como a entrada de 30% do valor integral, o que favorecia significativamente esse tipo. Os juros eram anuais, de 8 %, e aos funcionários da Companhia era concedido o desconto de 20% (LUZ; OMURA, 1975).

³ 1 Alqueire paulista corresponde a 24.200m². (LUZ; OMURA, 1975)



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Além das facilidades promovidas pelo financiamento e prazo de pagamento, a presença da companhia gerou a garantia do direito de propriedade, reduzindo a possibilidade de comportamentos oportunistas, o que promoveu também atratividade para a região. Isto se justifica pelo argumento de Luz; Omura (1975:793), de que “*na propaganda também se aludia os benefícios que poderiam ser auferidos com a compra de lotes de uma empresa colonizadora organizada que oferecia a posse indiscutível das terras, além das facilidades de financiamento*”. Isto demonstra que anteriormente às companhias ocorriam problemas nas transações, relativos a real propriedade das terras, à presença de títulos duvidosos, além de questões de dimensões das terras comercializadas de forma independente. (LUZ; OMURA, 1975).

Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, a Companhia de Terras Norte do Paraná foi adquirida por um grupo de empresários paulistas, liderados por Gastão Vidigal e Gastão Mesquita Filho, como consequência da elevada tributação ao capital internacional no período. Ainda como condição imposta para esta transação, foi estatizada pela união a Companhia de Estradas de Ferro São Paulo – Paraná. (LUZ; OMURA, 1975)

Assim, em 1951 a Companhia de Terras Norte do Paraná, passa a denominar-se Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, diversificando também sua área de atuação (CMNP, 2016).

Considerando a fertilidade das terras, a nova forma de colonização e financiamento, a presença de rodovias e ferrovias, e a estrutura fundiária que se instalou, em pequena propriedade⁴, convenientemente houve a instalação da cultura cafeeira, já em processo de racionalização em outros estados.

A venda desses lotes foi anunciada em meios de comunicação de grande circulação em outras regiões do Brasil e do mundo. Na Figura 01, tem-se a cópia de uma propaganda veiculada em São Paulo, compondo assim, parte do sucesso do empreendimento da companhia.

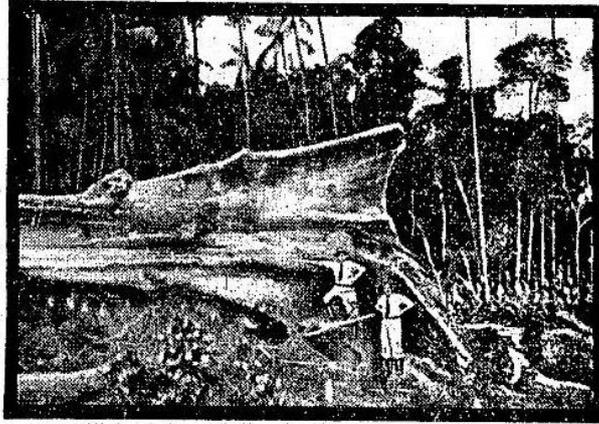
⁴ O conceito de pequena propriedade tratado neste trabalho se emprega em concordância com a caracterização de Sérgio Milliet e Caio Prado Jr, onde são consideradas as propriedades com dimensões entre 1 e 25 alqueires (MILLIET, 1941:76). MONBEIG (1945:14) descreve que no Norte Novo do Paraná “*não se contam senão duas fazendas de 200 alqueires e a grande maioria das explorações agrícolas tem uma área variando de 5 a 25 alqueires, parece, pois possível atribuir-se ao tipo médio uns doze alqueires*”.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Figura 01. Anúncio da Cia. de Terras Norte do Paraná (1934)

PADRAO DE TERRA BOA



OLHE para a photographia acima. É uma pequena amostra da fertilidade das terras do norte do Paraná. A gigantesca figueira que jaz por terra, ao lado de cujo tronco os homens tornam-se pigmeus, é padrão de terra boa, de terra vir-

gem, que dá em troca de quem a cultiva prosperidade e riqueza. Lá tudo é grandioso, o trabalho remunerador, o clima saluberrimo. É a região do proximo futuro, a região de quem ambiciona tirar do solo o que de melhor elle pode dar.

Solicite informações detalhadas á Rua 3 de Dezembro, 48, Antigo 12 – Caixa Postal, 2771 – São Paulo

CIA. DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

Fonte: adaptação do autor, com base em RECLAMES DO ESTADÃO (2010).

O processo de colonização do Norte Novo do Paraná com a presença de investimento estrangeiro e por meio de uma colonização dirigida por uma companhia foi peculiar no Brasil até então, além da relação que se estabeleceu entre os agentes de vendas e as propagandas dirigidas aos pequenos agricultores e pequenos cafeicultores do oeste paulista e do norte pioneiro.

As expectativas aos potenciais compradores foram intensas, gerando uma espécie de “febre”, um efeito que é lembrado até hoje. Arias (1995) reuniu as memórias dos pioneiros da região de Londrina por meio de diversos depoimentos de pessoas de diferentes classes sociais, entre 68 e 87 anos, que vieram para o Norte do Paraná na década de 1930. (ARIAS, 1995). Tais depoimentos dão ideia do cenário que os indivíduos estavam inseridos, do clima promovido pelas propagandas, pelos agentes de vendas e, sobretudo, pelas condições de financiamento:

“Aí veio a crise de 30 e que prolongou-se... Até 1940 todo o Brasil estava em crise... E a gente então, em face da notícia: o Paraná tem uma



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

zona muito boa, muita produção, é fácil adquirir terra, todo mundo pode adquirir terra sem ter dinheiro, a crédito – isso aqui encheu em pouco tempo, não é?”.

Sr. José Hosken de Novais, advogado, ex-prefeito, 75 anos. (ARIAS, 1995: 72).

E: *A senhora já tinha ouvido falar no norte do Paraná quando a senhora veio pra cá?*

D: “Já porque o Norte do Paraná fez propaganda como galinha quando bota ovo, não é? Que cocoroca bastante! Não tinha um pedaço do Brasil que não tivesse propaganda do Norte do Paraná! Toda parte tinha (...)”. Dona Maria Angélica de Lima, proprietária de terra, 79 anos. (ARIAS, 1995: 73).

“Todo mundo ficava doido, era a corrida do ouro! O Eldorado: Era o oeste, você tinha tudo”.

Dona Severina Alho, dentista aposentada, 76 anos. (ARIAS, 1995: 74).

“Era um Eldorado mesmo!” “Era como... o oeste americano. A conquista do oeste nos Estados Unidos foi uma coisa extraordinária para os Estados Unidos. Então o Norte do Paraná era como... foi o oeste para os Estados Unidos...”.

Sr. Amil Adum, jornalista e advogado aposentado, 78 anos. (ARIAS, 1995: 75).

Além da propaganda dos loteamentos em outras regiões, sobretudo, em São Paulo, a disseminação da cultura cafeeira também teve também influência das políticas de defesa do café, considerado então o centro motor do desenvolvimento capitalista no Brasil.

O mecanismo de controle da oferta inicia-se com o Convênio de Taubaté, em 1906, proibindo o plantio de novos cafeeiros pelos maiores estados produtores (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), bem como a responsabiliza os respectivos governos pela compra e estocagem da produção excedente (SILVA, 1985). A efetivação deste convênio, fora o impulso inicial dentre uma série de ações de controle de preços durante as décadas seguintes que influenciou para a extensão da cafeicultura em outras regiões.

No ano de 1931, o decreto 19.688, de 11 de fevereiro, autorizava a compra pelo governo de todo o café retido até 30 de junho e não comprado pelo estado de São Paulo, além da instituição de um imposto de 1\$000 para cada pé de café plantado pelos próximos cinco anos, o que na realidade representava a inviabilidade da expansão da cultura. No entanto, sob a influência do Paraná, e de outros estados produtores em menor escala, esta



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

regra só foi aplicada apenas para os estados com mais de 50 milhões de cafeeiros, o que favoreceu a expansão da cultura na região (DELFIM NETTO, 1959:144).

Como já mencionado, a presença da cafeicultura no Norte do Paraná implicava em uma nova relação de dependência com o estado de São Paulo para o escoamento da produção. Não havendo até então ligação com o Porto de Paranaguá, se fazia necessário a utilização do sistema ferroviário paulista, por meio da Companhia Sorocabana que interligava a produção do Norte do Paraná, a partir da cidade de Ourinhos (divisa com o estado de São Paulo), com o porto de Santos⁵.

No cenário nacional, a cafeeira apresentou a partir de 1933 uma permanente redução nas regiões pioneiras do Brasil em decorrência da prolongada queda no preço internacional, fator que desestimulou os produtores. (CANCIAN, 1981) Como elemento adicional, a partir de 1931 a responsabilidade sobre a política cafeeira passou de São Paulo para o Departamento Nacional do Café (DNC), um órgão federal criado com o objetivo de combater a superprodução. O DNC passou a adquirir as safras, às quais se destinavam na proporção de 30% para estocagem, 30% para exportações, e os 40% restantes compunham a denominada “quota de sacrifício”, que seria incinerado (ABREU, 2010).

Essa ação para a sustentação de preços promovida por meio da incineração de sacas do café promoveu um descrédito acerca da eficácia da política adotada pelo Brasil para o setor, resultando numa acentuada redução produtiva no estado de São Paulo, então o maior produtor do bem. Sobretudo após a geada de 1942, acentuou-se a erradicação por meio do abandono e do corte dos cafezais como solução imediata. No entanto, ao mesmo tempo em que ocorria este movimento de contenção da oferta do café no estado de São Paulo, observa-se a tendência inversa para o estado do Paraná, onde, encontram-se altos índices produtivos. (CANCIAN, 1981)

O significado da relação entre a cafeicultura paulista e a paranaense é um interessante ponto de discussão, passível de algumas interpretações. Para Padis (1981), a inserção do café no Paraná é o resultado de uma extensão da economia cafeeira paulista aliada ao esforço desenvolvido pelo governo do Paraná. Esta visão pode ser compreendida

⁵ A ligação entre a região norte do Paraná e o porto de Paranaguá só foi estabelecida de forma eficiente por meio da Rodovia do Café, construída na década de 1960, pelo governo Ney Braga (1961-1965). Até a década de 1960 a única ligação rodoviária existente se dava pela estrada do Cerne (hoje PR-090), uma precária estrada de terra construída durante o governo Manuel Ribas (1932-1945). (IZEPÃO, 2008)



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

por meio da própria evolução da economia cafeeira no Brasil, iniciada no vale do Paraíba, estendida pelo estado de São Paulo, rumo ao oeste, chegando, naturalmente no Paraná, onde encontrou clima e solo favorável.

No entanto, a ideia de extensão não se verifica ao observarmos que no momento em que a cultura passa a se estabelecer no Paraná, ela já encontrava-se em relativo declínio em São Paulo. Seria, portanto, uma migração.

É válida também a relação estabelecida para o escoamento da produção paranaense pelo porto de Santos, beneficiando-se do complexo cafeeiro capitalista de São Paulo.

Outra interpretação válida é de que a cafeicultura paranaense foi em grande parte favorecida pelas contradições existentes na tradicional cafeicultura paulista após 1930, à qual não encontrou condições plenas de adequação em sua estrutura produtiva, tipicamente em larga escala, com cafeeiros e solo relativamente exauridos e predominância de grande contingente como assalariado, e não produtor. No entanto, encontrou no Paraná além do solo fértil, uma estrutura fundiária mais adequada ao cenário, condições de financiamento que permitiam o acesso, o trabalho familiar e a dissociação do plantio e beneficiamento. Estes são elementos importantes para se compreender como a cafeicultura se instalou no Paraná num momento de crise nas demais regiões.

Como já mencionado, a existência da atividade em pequena propriedade na década de 1930 não era novidade. Segundo Milliet (1941) esse efeito é observado em todas as regiões cafeeiras de São Paulo, trazendo também a participação de imigrantes como produtores. Portanto, ainda que a estrutura fundiária seja um elemento importante para explicar a rápida expansão do café no Paraná, deve se responsabilizar em grande medida a estrutura de financiamento organizada pelas companhias de colonização, que foi o que permitiu o acesso aos lotes.

A fertilidade das terras encontradas no Norte do Paraná permanece como um elemento fundamental para o êxito da cultura. Uma década posterior à implantação no Norte Novo já é possível ver concretizados os resultados prometidos durante as vendas.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Quadro 02: Produtividade das lavouras de café: São Paulo e Norte do Paraná (1947 – 1951).

Produtividade das lavouras de café: São Paulo e Norte do Paraná - 1947/1951				
Ano	Em Kg/ha.		Em Kg/1000 pés	
	N. Paraná	São Paulo	N. Paraná	São Paulo
1947	586	338	929	440
1948	583	423	923	552
1949	621	369	992	480
1950	758	334	1202	432
1951	594	337	948	442

Adaptação do autor, com base em: SERRA, 1992:71.

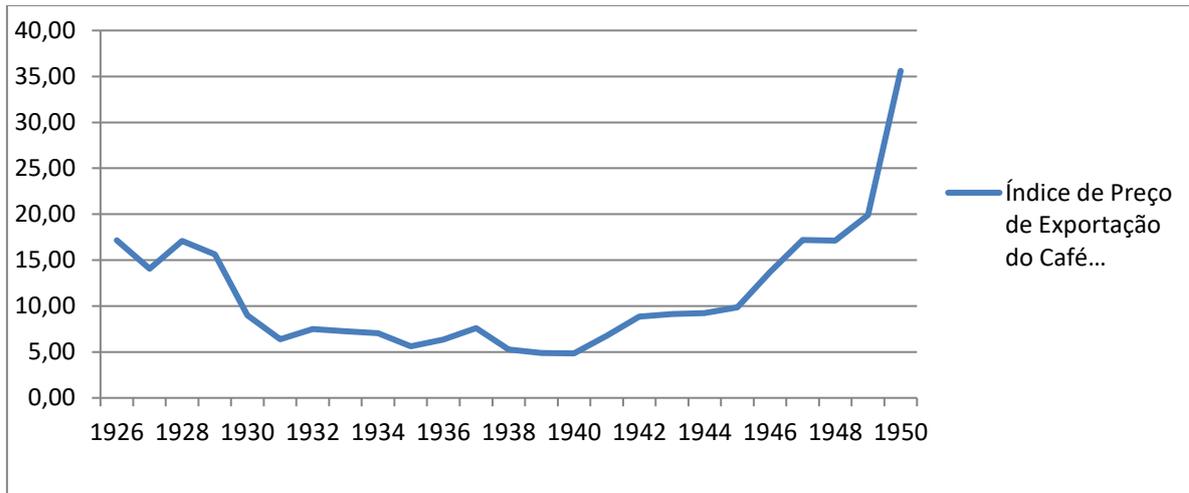
O quadro 02 demonstra que entre 1947 e 1951 a produtividade das lavouras paranaenses em relação a São Paulo foi significativamente maior, quando considerado o quilo de café produzido por alqueire, bem como o quilo por mil pés de café, o que reflete diretamente a idade dos cafeeiros. Em ambas comparativas pode-se concluir que a qualidade da terra roxa do Norte do Paraná e os cafeeiros novos permitiram uma produtividade bem maior que a paulista. Esse fator certamente foi fundamental para a procura dos lotes e para a migração de produtores para a região mesmo em um cenário desfavorável à exportação.

O Gráfico 01 demonstra a acentuada queda nos preços de exportação do café, utilizando o índice do IBGE que representa o ano de 1995 como 100%. Adota-se os preços médios de exportação de café convertido para dólares, e os preços de exportação publicados no Anuário Estatístico do Café (IBGE, 2012).



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Gráfico 01. Índice de Preço de Exportação do Café (1995=100)



Fonte: elaboração do autor, com base em IBGE (2016).

A acentuada redução no preço de exportação do café, cuja deterioração se inicia no ano de 1929, apresenta uma breve recuperação entre 1931 e 1932, e volta a se deteriorar a partir de 1932, somente apresentando uma tendência de recuperação a partir de 1940. Embora conjuntura econômica na qual a cultura do café se implantou no estado do Paraná não era de preços favoráveis, as razões expostas anteriormente podem justificar o crescimento vertiginoso da cultura na região, que se tornou em pouco tempo o maior estado produtor do Brasil.

A produção paranaense de café passa a ser representativa em relação aos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo em meados de 1946, como pode ser observado no Quadro 03:

Quadro 03: Produção de café, em milhares de sacas de 60 kg.

Produção brasileira de café (1940 - 1970)					
Ano	São Paulo	Minas Gerais	Espírito Santo	Paraná	Total Brasil
1940	10.217	3.196	1.180	932	16.456
1941	9.274	2.575	1.984	836	15.797
1942	8.528	2.165	1.433	550	13.613
1943	5.936	3.141	1.866	160	12.160
1944	4.722	1.875	1.278	579	9.137
1945	6.101	2.872	1.992	674	12.701



**Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo
Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal**

1946	8.874	2.176	1.207	1.138	14.019
1947	6.523	2.753	2.042	1.550	13.572
1948	11.173	2.413	1.032	1.885	16.952
1949	7.391	3.214	2.543	2.318	16.303
1950	8.118	2.751	1.388	4.026	16.754
1951	6.261	3.374	2.040	2.843	15.021
1952	7.185	1.843	1.530	5.048	16.100
1953	6.162	3.372	1.828	3.198	15.148
1954	7.333	3.172	1.848	1.337	14.512
1955	9.268	3.743	2.048	6.306	22.064
1956	6.019	1.930	1.561	2.178	12.535
1957	9.538	3.696	2.505	4.731	21.628
1958	10.697	4.236	2.572	8.590	26.807
1959	15.620	4.501	1.913	20.691	44.130
1960	8.242	3.475	3.102	14.320	29.848
1961	11.300	4.000	1.900	21.400	39.600
1962	5.200	2.500	2.400	18.000	28.900
1963	10.100	1.600	1.300	9.500	23.200
1964	1.800	1.200	1.100	3.600	8.300
1965	11.200	2.900	1.900	20.400	37.000
1966	6.200	2.800	1.600	7.700	18.800
1967	8.500	2.000	700	12.900	24.500
1968	4.600	1.900	1.600	8.300	17.000
1969	6.100	1.300	500	12.300	20.600
1970	4.400	3.000	1.600	1.600	11.000

Fonte: adaptação do autor, com base em: MARTINS; JOHNSTON, (1992).

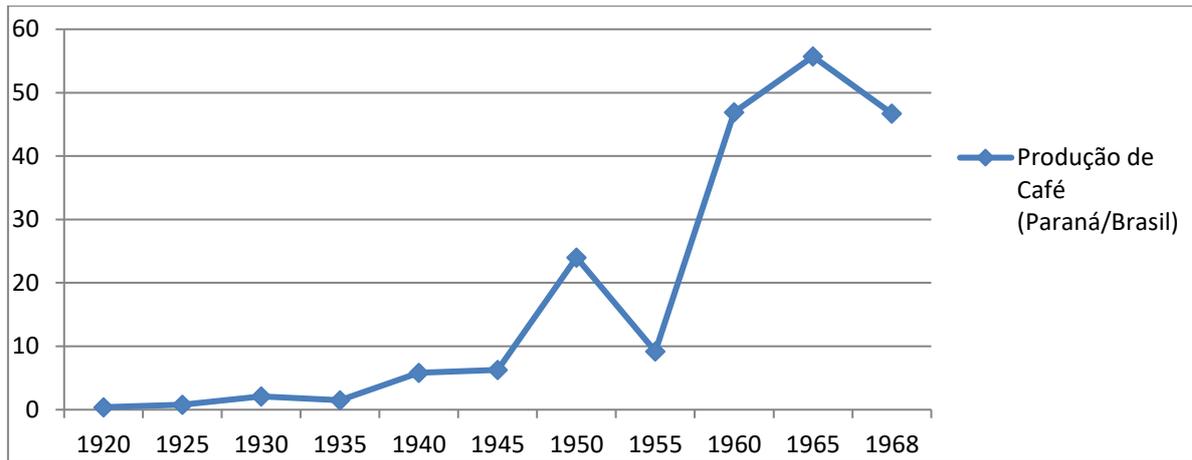
No ano de 1959 o Paraná pela primeira vez registra a maior safra dentro dos demais estados produtores, exportando 20.691 mil sacas de café, frente à 15.620 mil sacas exportadas por São Paulo. Esse resultado volta a se repetir diversas vezes até fins da década de 1960, quando já é possível se verificar um declínio da cultura em todas as regiões brasileiras.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

O Gráfico 02 demonstra a importância da produção de café no estado do Paraná, em relação à produção brasileira, cujo resultado torna-se significativo durante a década de 1940.

Gráfico 02. Produção Brasileira de Café – Paraná/Brasil, em % (1920/1968).



Fonte: elaboração do autor, com base em CROCETTI (2007).

Compreende-se pelo gráfico que a produção paranaense permanece pouco significativa até a década de 1930, havendo um aumento de participação que acentua-se na década de 1940, quando atinge 5,8% de participação na produção brasileira. Posteriormente, na década de 1950, a participação apresenta novamente significativo aumento, atingindo cerca de 25% de participação na produção total e, após acentuada redução em 1955, se recupera, atingindo na década de 1960 as maiores porcentagens de participação com destaque para o apogeu em 1965, onde representou 55% de toda a produção brasileira de café (CROCETTI, 2007).

Mesmo com a crise no cenário internacional, o café era o maior produto da pauta de exportação brasileira, e, conseqüentemente, o mais defendido pelo governo federal, gerando assim uma segurança e um respaldo à adoção da cultura no Estado do Paraná.

O declínio da atividade cafeeira

Para justificar o declínio da atividade cafeeira no Paraná podem-se aferir múltiplos fatores. No entanto, defende-se neste estudo a ideia de três fatores preponderantes. Os fatores climáticos, os políticos, e os ligados ao cenário internacional.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Quanto ao clima, sabe-se que a região norte do estado já havia sido assolada por fortes geadas em 1953 e 1955, que resultou em danos superiores a 50% de quebra nas safras. Posteriormente, novas geadas atingiram a região em 1969, 1972 e 1975, quando esta última dizimou totalmente os cafeeiros (SERRA, 2001). Assim, o conjunto de eventos climáticos ocorridos desestimulou a produção, favorecendo o deslocamento gradual para outras regiões, tal como Minas Gerais. Porém, a atividade finda abruptamente com a devastação total causada pela geadada de 1975, que levou a zero a produção no ano de 1976 (CAMOLEZI; COSTA, 2009).

Figura 02: O Estado do Paraná, edição de 19 de julho de 1975.



Adaptação do autor, com base em: MORESQUI, 2017.

Em relação ao fator político, o declínio se justifica pelo estabelecimento de uma nova visão política na década de 1950, pautada na industrialização. Neste contexto, estreitou-se o envolvimento do setor público com uma política de desenvolvimento que estabeleceu um conjunto de metas tanto para o setor público, como para o privado, e



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

resultou no Programa de Metas⁶. Um dos objetivos das ações governamentais do programa foi acelerar o processo de substituição de importações e a produção de bens duráveis e de capital, orientando desta forma uma política de industrialização no país (ORESTEIN; SOCHACZEWSKI, 1989).

Esta nova visão de política econômica que se estabeleceu no Brasil em âmbito federal, se inseriu também nos governos estaduais, e no Paraná formulada pelo governador Ney Braga⁷ cuja campanha teve como lema “industrialização e planejamento”.

Um dos instrumentos criados pelo governo estadual para a efetivação desta proposta foi a criação da Companhia de Desenvolvimento do Paraná – CODEPAR, com o objetivo de financiar atividades industriais, bem como elaborar projetos e criar infraestrutura para o estabelecimento industrial. A política de desenvolvimento adotada no Paraná, embora defasada se comparada ao estágio da indústria nacional, representou significativa alteração das anteriormente adotadas, pautadas principalmente na exportação de bens primários, sobretudo, o café (IZEPÃO, 2008).

Em mesmo sentido, o Instituto Brasileiro do Café (IBC)⁸ criou em 1961 o Grupo de Erradicação e Racionalização do Café (GERCA), que tinha por objetivo erradicar cafezais excedentes por meio da diversificação, modernização da agricultura, criando também linhas de financiamento direcionadas a essas ações. (OLIVEIRA; MORELLI, 2011) A principal alternativa oferecida pelo GERCA para racionalização foi a adoção de lavouras temporárias e de pastagens.

A presença de cidades formadas na região sob a influência da cafeicultura permitiria a existência de um mercado consumidor capaz de demandar outros bens produzidos. Assim, o Governo Federal financiou, por meio do programa IBC-GERCA, a erradicação de aproximadamente 249.957.000 pés de café de junho de 1962 a maio de 1967, promovendo como consequência o desemprego de 58.000 famílias (IBC/GERCA/DAC, 1967 *apud* SERRA, 2011).

⁶ O Programa de Metas foi um plano quinquenal cujos projetos se basearam em diagnósticos da CMBEU e dos programas CEPAL/BNDE e contemplava investimentos em energia, transporte, alimentação, indústrias de base e educação (ORESTEIN; SOCHACZEWSKI, 1989).

⁷ O governador Ney Aminthas de Barros Braga exerceu mandato de 1961 a 1966, sendo eleito pelo Partido Democrático Cristão (PDC) em coligação com o Partido Liberal (PL) (IZEPÃO, 2008).

⁸ O Instituto Brasileiro do Café – IBC – foi criado em 1952 pelo governo federal com o objetivo de regular a política cafeeira, tornando-se órgão fundamental para a cafeicultura e toda a atividade agrícola no Brasil (OLIVEIRA; MORELLI, 2011).

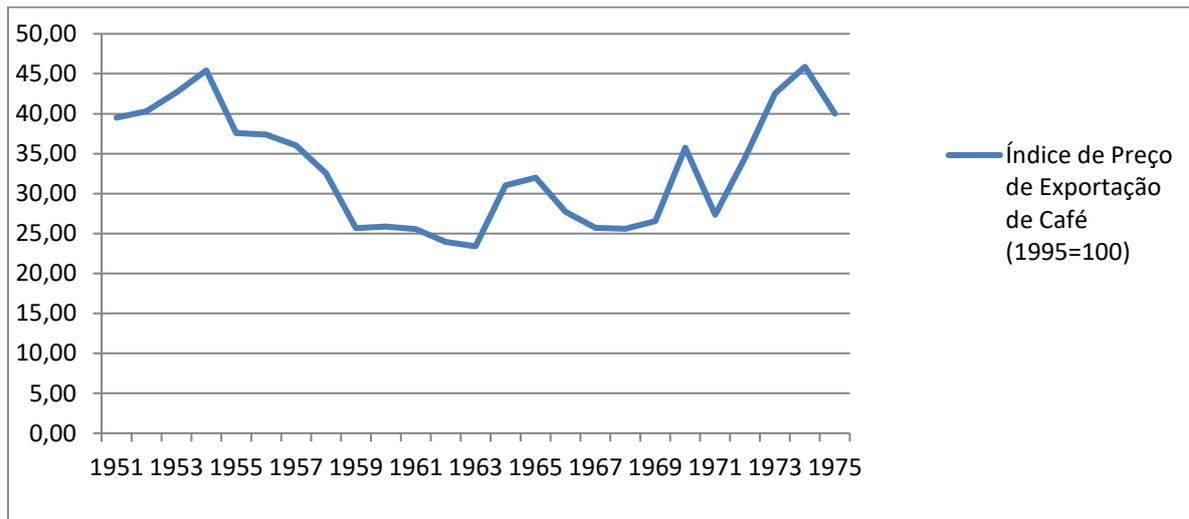


Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Quanto ao cenário internacional, sabe-se que em princípios da década de 1960 mais uma crise da economia cafeeira repetiu o cenário visto na década de 1940. E mais uma vez a sustentação dos preços se deu com base em uma política que absorveu um elevado montante de recursos para restringir a oferta de café. (ABREU, 2010) A crise de superprodução na década de 1960 gerou uma intensa deterioração dos preços e se impunha como resultado da entrada de um grande volume de café resultante das safras de fins da década de 1950, bem como o aumento da concorrência internacional.

A situação se agravava ainda mais pelo estímulo ao plantio de novos cafezais motivado pelas excelentes safras do final da década de 1950 e início da década de 1960 (CANCIAN, 1981). Este fenômeno pode ser observado por meio do Gráfico 03 que destaca no quadrante a queda de preços ocorrida durante a década de 1960.

Gráfico 03. Índice de Preços de Exportação de Café (1995=100)



Fonte: elaboração do autor, com base em IBGE (2016).

Ainda na década de 1960 houve a realização do primeiro Acordo Internacional do Café (1963-1968) com o objetivo de estabilização dos preços, o que constituiu pela primeira vez no abandono da política de sustentação artificial dos preços desde 1906. (ABREU, 2010) No entanto, como se observa no Gráfico 1.4, o preço do café somente voltou a se recuperar em meados de 1970.

Outros fatores secundários podem ser considerados como influência para a decadência da cafeicultura no Paraná, dentre os quais, a implantação do Estatuto do Trabalhador Rural, em 1963, que garantiu aos trabalhadores rurais os mesmos benefícios



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

garantidos aos trabalhadores urbanos, implicando em um aumento do custo da mão de obra pelas garantias trabalhistas. Outro elemento é a modernização da agricultura, posteriormente a 1975, que completou o processo de transformação do meio rural abrindo espaço para a empresa agropecuária. (SERRA, 2001:51)

A decadência é também resultado de uma alteração estrutural se observou no Brasil, pois, na primeira metade da década de 1950, o setor agropecuário possuía participação relativa de 24,3% do PIB, no instante em que a participação da indústria correspondia a 24,1%. Logo na segunda metade da mesma década esse cenário seria alterado, passando a participação da indústria a 25,6% e a agricultura, 23,5% do PIB. Esta alteração se acentuou permanentemente na economia brasileira após a posse do Presidente Juscelino Kubitschek, em 1956 (GIAMBIAGI; VILLELA, 2005:50).

Uma das políticas adotadas pelo presidente Juscelino Kubitschek foi de beneficiar a indústria por meio de investimentos realizados em infraestrutura, sobretudo, energia e transportes. Isso se demonstra pelo aumento da taxa de investimento do governo, passando de 13,7% em 1955 para 17% em 1963. Neste contexto, o café, que desde o império foi o carro-chefe da dinâmica econômica brasileira passou a perder importância relativa, concomitantemente ao processo de industrialização no Brasil desde os anos 1930. No Paraná isso ocorreu nos anos 1960.

Desta forma, o mandato de Juscelino Kubitschek pode ser caracterizado pela intensa política de desenvolvimento industrial, cujos diagnósticos deram origem ao Plano de Metas e fundamentaram investimentos em algumas áreas que tiveram êxito, levando a economia brasileira a taxas aceleradas de crescimento (ORESTEIN; SOCHACZEWSKI, 1992). No entanto, Grandi (2013) contrapõe a ideia de êxito em toda a dimensão do Plano de Metas, destacando que das 30 metas estabelecidas (relacionadas à energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação) foi enfatizada a meta número 27, buscando unir o interesse do governo na produção nacional de carros com o interesse das transnacionais. Isso justifica a agenda prioritária do plano na criação de rodovias e linhas de crédito do setor, em detrimento de outras modalidades de transporte.

Cafeicultura e atividades industriais no Norte do Paraná

No processo de desenvolvimento da indústria brasileira, o capital cafeeiro foi importante para alavancar a indústria nacional. O peso deste capital foi e continua sendo



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

fruto de estudos, por diversos pesquisadores⁹. Para o Paraná, ainda busca-se trazer à luz estas questões.

Considerando a importância que a cultura e o capital cafeeiro representaram para o Paraná, ao se concluir este capítulo, faz-se uma incursão inicial sobre o tema que será desenvolvido ao longo da dissertação. O objetivo neste momento é discutir a existência de atividades industriais no norte estado destacando a influência do capital cafeeiro para financias-las ou, ao menos, dinamiza-las.

A formação industrial das regiões tradicionais do Paraná (região de Curitiba) tem sua origem na economia ervateira e madeireira em fins do século XIX e início do século XX, e diretamente se relaciona ao beneficiamento destes produtos. Isto se dá também por meio da fabricação de bens ligados ao seu armazenamento e comercialização, tais como embalagens, cordas, etiquetas, caixas de madeira, entre outros. Em mesmo sentido, acredita-se que a relação seja válida para a cafeicultura na região norte e as atividades industriais correlatas a ela.

Até a década de 1930, a indústria no norte paranaense era composta por centenas de serrarias, sendo algumas inclusive de grande porte, que se dedicavam a fabricação de móveis rústicos. Havia também o beneficiamento de café, algodão e arroz; atividades realizadas dentro de um critério de essencialidade, cujas limitações se davam de acordo com o próprio café e com a infraestrutura existente. Em linhas gerais, a região tinha uma economia complementar à paulista, exportando produtos agrícolas como o café, o milho e o feijão e importando produtos industrializados do estado vizinho (POZZOBON, 2006). Embora essa relação seja evidente com o estado vizinho, acredita-se que ela não seja de dependência absoluta dos produtos paulistas, como Pozzobon (2006) afirma.

Segundo Trintin (2006), a formação da indústria no norte paranaense passou a ter significância por meio da expansão cafeeira, em meados dos anos 1930, onde o avanço da atividade representou o ingresso de uma cultura que trazia consigo atividades correlatas, bem como um contingente populacional que não seria capaz de se desenvolver sem a presença de indústrias, ainda que rudimentares.

Assim, a cafeicultura teve implicações não somente em termos de resultados sobre a pauta de exportação estadual, mas sobre um conjunto de efeitos dinâmicos para a

⁹ Entre os pesquisadores se destacam: AURELIANO (1981); FURTADO (2006); MELLO (1982); SILVA (1985); SUZIGAN (1986); TAVARES (1986).



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

economia, seja pela diversificação dos setores agrícolas para o consumo na região, seja pelas atividades industriais, e também pelo acúmulo de capital que o café promoveu.

Na década de 1940 a indústria paranaense representava 1,9% do total brasileiro, chegando a 3,2% na década de 1960. O Quadro 04 demonstra a participação dos principais gêneros produzidos no estado nos anos de 1950 a 1970.

Quadro 04. Participação dos principais gêneros da indústria do Paraná no valor da transformação industrial, nos anos de 1950, 1960 e 1970.

Gêneros	Anos		
	1950	1960	1970
Minerais não-metálicos	6,87	6,99	7,32
Metalurgia	1,38	2,79	3,29
Mecânica	2,34	1,1	3,33
Material elétrico e comunicação	0,06	0,74	0,55
Material de transporte	0,39	1,12	1,79
Madeira	25,7	26,49	22,81
Mobiliário	3,21	2,74	3,95
Papel e papelão	9,29	4,95	5,27
Borracha	0,01	0,02	0,79
Couros e peles	1,48	1,36	0,85
Química	3,12	4,42	7,83
Farmacêutica e veterinária	0,12	0,17	0,17
Perfumaria, sabões e velas	1,36	0,48	0,33
Matérias plásticas	0,04	0,02	1,22
Têxtil	2,44	3,18	8,57
Vestuário, calçados	0,89	0,85	0,52
Produtos alimentares	31,17	37,15	23,99
Bebidas	6,51	2,75	3,02
Fumo	0,01	0	0,01



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Editorial e gráfica	2,38	1,79	3,18
Diversas	1,24	0,91	0,83
TOTAL	100	100	100

Adaptação do autor, com base em TRINTIN, 2006:64.

A preponderância era de produtos alimentares, com 37,15% de participação, seguida por 26,49% da indústria madeireira, onde se enquadram a produção de tábuas e compensados. Dentre os gêneros mais representativos encontra-se ainda a indústria ligada aos minerais não metálicos, com uma participação de 6,99%.

Após um pequeno crescimento industrial observado entre 1940 e 1960, a indústria foi afetada pela recessão que o Brasil passou de 1962 a 1967, bem como pela crise da cafeicultura e pelo esgotamento das reservas de madeira do Paraná na mesma década. Esse reflexo se justifica diretamente pela proximidade entre as atividades industriais e as primárias.

Portanto, ao mesmo tempo em que a crise da atividade cafeeira promoveu uma busca pela diversificação em atividades industriais, ela também penalizou a indústria nascente. (TRINTIN, 2006:65).

Os setores mais distantes das atividades primárias permitiram que a indústria ainda mantivesse participação na renda interna, com o crescimento da indústria mecânica, de borracha, de papel e papelão e química. (ITO, 1980 *apud* TRINTIN, 2005:66).

Quanto à localização das indústrias nos anos 1960, houve uma concentração na região de Curitiba que constituía 34,66% das indústrias do estado, seguida pela região de Londrina, Ponta Grossa e Maringá, que denota a presença de unidades industriais em regiões tipicamente cafeicultoras, como o norte do estado. (TRINTIN, 2005:66)

Sabe-se que a atuação do governo era precária no norte do estado nos anos 1960, sendo que até mesmo as primeiras escolas foram iniciativas dos colonizadores, e da mesma forma havia a falta de estradas e de estrutura do setor elétrico como empecilhos para permitir o desenvolvimento industrial (POZZOBON, 2006).

Portanto, é justamente na parca infraestrutura existente no estado em que reside um dos entraves para o desenvolvimento da indústria e que permite a transferência da renda para outros estados por meio de relações comerciais. Poucas rodovias de integração do estado já estavam abertas e a energia elétrica no interior do Paraná era servida por



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

antigos geradores diesel-elétricos. Além desses fatores que desestimulam o investimento, os recursos do governo estadual também eram insuficientes para criar condições de expansão das atividades industriais. (CODEPAR, 1964)

Com a mudança de visão política nos anos 1960, a necessidade de se industrializar se tornou mais evidente e o setor público, aliado à participação do capital cafeeiro, permitiu a criação de um projeto amplo de desenvolvimento industrial para o Paraná, garantindo inclusive recursos necessários para a infraestrutura. Neste projeto o estado não se restringia em promover só infraestrutura necessária, mas também em financiar diretamente empreendimentos.

Cafeicultura no Norte do Paraná: a formação de um complexo cafeeiro?

Cano (1977:17-18) determina que a existência de relações capitalistas, sobretudo, de uma economia monetária e do trabalho assalariado, são elementos necessários para a formação de um complexo, para além das atividades que formam um conjunto econômico integrado, com segmentos industriais vinculados ao seu processamento. Na região de Londrina, em 1967, a formação de atividades industriais distribui-se de acordo com os setores apresentados no Quadro 05:



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Quadro 05: tipos de indústrias, subgrupos, características e fundação.

Tipos de Indústria	Subgrupos	Características	Fundação das Indústrias
Indústria Madeireira	Beneficiamento de Madeira	Atividades primitivas. Em 1966 já tinha menor significação. Caráter Supletivo.	Anterior a 1962
	Móveis, vassouras, carrocerias e camas		
Transformação de Produtos agropecuários	Transformação de produtos agropecuários	Indústria de maior poderio, representa elevado percentual do parque local (Café e Algodão).	Pós 1962
	Frigoríficos		
Produtos Alimentícios	Doces, massas, farinhas	Considerável abastecimento local e regional	Anterior a 1962
	Bebidas		
Metalurgia, produtos químicos e outros	Produtos químicos	Elevado nível tecnológico, diferentes mercados	Ano base 1964
	Fundições, máquinas, implementos		
	Materiais de construção - Serralheria, cerâmica		
	Confecções		

Elaboração do autor, com base em: CODEPAR, 1967:39-44.

É fato que as atividades industriais na região de Londrina foram induzidas diretamente pela presença da atividade cafeeira, uma vez que a própria cultura justifica a existência das cidades, muito se aproximando das características observadas no início do século XX no complexo cafeeiro paulista.

Inicialmente, portanto, pode-se afirmar que o mercado e a produção industriais surgiram criados por todo esse conjunto de atividades econômicas e de transformações sociais que gravitavam em torno do café, conjunto este constituidor do complexo capitalista cafeeiro.

Enfim é inegável que também a própria constituição urbana das cidades, enquanto praças comerciais do café, comportando atividades bancárias e um comércio mais desenvolvido, também tenha favorecido a atividade industrial.

O primeiro tipo de atividade industrial que se impôs, decorrente da importância da economia cafeeira na região de São Carlos é a indústria de beneficiamento (TRUZZI, 1985: 161-162).



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

No entanto, a comparação direta entre as duas formações seria anacrônica, inclusive pela limitação que a presença do complexo cafeeiro paulista representa às atividades industriais do norte do Paraná. É válido lembrar que diante das incipientes atividades industriais na região, a ligação ferroviária com São Paulo permitia a formação de um mercado consumidor no Norte do Paraná para bens cujo processo de transformação fosse mais elaborado, suprindo a necessidade da região, e limitando o desenvolvimento das industriais locais.

Para Semeghini (1991:51), a primazia de São Paulo é justamente o que diferencia o complexo cafeeiro capitalista de São Paulo de outras regiões cafeeiras.

A imigração em grande escala, a presença de ferrovias e das máquinas de beneficiamento representaram, como foi visto, verdadeira revolução no processo produtivo e nas relações de produção, e o oeste paulista diferencia-se claramente, a partir daí, das demais regiões cafeeiras do estado e das outras economias agrícolas do país (SEMEGHINI, 1991:55).

Realiza-se neste momento uma discussão com base nas definições de Cano (1977), das principais características de um complexo cafeeiro, diante dos elementos percorridos na introdução que podem aproximar e distanciar a região dessa formação.

1) Agricultura produtora de alimentos e matérias primas em dois segmentos:

a) Produção dentro da propriedade cafeeira intercalado

Com base no trabalho de Cancian (1981), sabe-se que a cafeicultura paranaense divergia da condição monocultora. Ao estabelecer-se na pequena e média propriedade, encontrava no proprietário e no auxílio de sua família uma parcela da mão de obra necessária à lavoura, reduzindo assim o custo de produção do café e aumentando a sua rentabilidade. Desta forma, a existência de uma diversificação de culturas entre os pés de café aproxima à condição descrita por Cano (1977).

b) Agricultura que produz essencialmente para o mercado operando fora da propriedade cafeeira.

Como observado durante a introdução, a Companhia de Terras Norte do Paraná dividiu lotes com o objetivo de compor um cinturão verde para abastecer as cidades de alimentos (LUZ; OMURA, 1975). Embora na cultura cafeeira encontra-se a



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

preponderância em termos de lucratividade, há evidências da presença de propriedades que operassem fora do escopo da atividade cafeeira, o que se evidencia tanto pela presença de lotes para este fim, como pela necessidade alimentar advinda do elevado contingente populacional presente na região.

2) Atividade industrial em três segmentos:

a) Produção de equipamentos de café

Com base na Enciclopédia de Municípios (IBGE, 1959) é possível compreender, para os municípios da região de Londrina (região 6 – SAGMACS, 1963), que a cidade de Londrina se constitui em um polo na região, com 291 estabelecimentos industriais, destacando como principais bens a produção de bebidas, óleos comestíveis, cerâmica, beneficiamento de madeiras e produtos alimentares. Quanto às atividades industriais se constituem por meio de bens trazidos pelos sítiantes, que passavam por transformações para serem comercializados. As primeiras atividades foram as serrarias, as máquinas de beneficiamento de café e arroz e os descarçadores de algodão (OKUYAMA, 1975:23).

Figura 03: Reclame de atividade industrial na região Norte do Paraná.



Adaptação do autor, com base em: A PIONEIRA, 1948.

b) Indústrias de sacaria e juta

Não foram identificadas evidências, no âmbito do IBGE e Codepar, da existência de atividades industriais na região de Londrina que produzisse sacaria. Embora seja uma indústria acessória à atividade cafeeira, acredita-se que essa demanda tenha sido suprida



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

pelas indústrias paulistas, considerando a ausência de indústrias têxteis. A empresa Américo Munhoz & Cia, da própria cidade de Londrina comercializava na década de 1950 diversos tipos de sacaria. No entanto, acredita-se que estivesse muito mais ligada à comercialização do bem do que à sua produção.

Figura 04. Reclame de atividade industrial na região Norte do Paraná



Adaptação do autor, com base em: A PIONEIRA, 1954.

- c) Demais compartimentos produtivos da indústria manufatureira (destaque para o setor têxtil).

Na década de 1960, os principais estabelecimentos industriais de Londrina eram a maltaria e cervejaria Londrina, o moinho de trigo, a Sociedade Anônima Londrina Industrial – SALI, com produção de implementos agrícolas, a Barão, produzindo cofres, móveis e utensílios de aço, além do destaque da Cia. Cacique, de café solúvel. (SCHWARTZ, 1997:109). Dados trazidos por Linardi (1995:75) demonstram que a atividade industrial na cidade de Londrina sempre esteve relacionada ao beneficiamento e transformação de bens primários em total concordância com as características da região, destacando o beneficiamento do café, do rami, do algodão, além de frigoríficos e laticínios.

A única exceção é a produção têxtil advinda do município de Assaí, como demonstra o Censo de 1960 e 1970, porém, sem evidências do tipo de produção e nem de sua escala.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

3) Implantação e desenvolvimento do sistema ferroviário

A presença da ferrovia na região Norte do Paraná, como demonstrado ao longo da introdução, foi cuidadosamente planejada pelas empresas colonizadoras. Desta forma, sua origem não se relaciona aos resultados da atividade cafeeira, mas sim um elemento preponderante para sua inserção. Deve ser ressaltada ainda a dependência do sistema ferroviário paulista para o escoamento da produção por meio do porto de Santos, exclusivo até 1924, e significativo até a década de 1960. Portanto, a formação de um sistema ferroviário decorrente das atividades cafeeiras é um dos principais elementos de distanciamento da formação de um complexo cafeeiro.

4) Extensão do sistema bancário

É possível observar que a região norte possuía, em 1963, um total de 20 agências entre os 35 municípios, registrando 14,7% do total de depósitos para o estado do Paraná, além do fato da região apresentar os maiores índices de aplicação de todo o estado. A peculiaridade do Banco Estadual do Paraná se dá também pela concentração dos depósitos do poder público concentrando em Curitiba mais de 50% de suas aplicações, que representa o sentido inverso do conjunto dos bancos presentes no estado, onde, o maior percentual de créditos encontrava-se na região norte, com 42,6% do total (BANCO DO ESTADO DO PARANÁ, 1963:53). Londrina teve uma participação média de 29,8% no financiamento bancário do estado do Paraná de 1959 a 1966, sendo o maior percentual em 1965, com 34,1%, e o de menor, o ano subsequente, de 1966, com 24,6%. Já o município de Londrina obteve 17,3% em 1960 e 1965, e 11,8% em 1966, o ano de menor participação (CODEPAR, 1967:22).

Esses dados demonstram, portanto, um desenvolvimento do setor bancário na região, decorrente da atividade cafeeira.

5) Atividade de comércio de exportação e importação

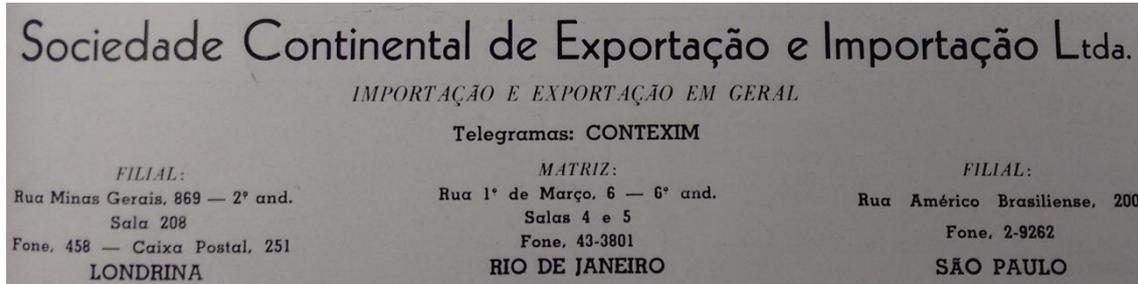
Com base nos exemplares da revista Pioneira, ao longo da década de 1950, é possível se observar um grande número de empresas oferecendo o serviço de exportação e importação. A principal característica é a origem de essas empresas estarem ligadas a São Paulo, ou ao Rio de Janeiro, como se observa na Figura 05. A presença das empresas



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

se justifica pela própria demanda da atividade cafeeira, que geralmente mantinham uma filial na cidade de Londrina

Figura 05. Reclame da empresa “Sociedade Continental de Exportação e Importação Ltda”.



Adaptação do autor, com base em: PIONEIRA, 1954.

Evidência disso é também uma distorção observada na estrutura de financiamentos bancários, com o favorecimento de linhas de crédito destinadas à comercialização, em detrimento da produção. Portanto, os interesses bancários permitiam o favorecimento a empresas de exportação (nacionais, estrangeiras e para formação de estoques e exportação de café) em detrimento de um grande número de produtores locais (BANCO DO ESTADO DO PARANÁ, 1963:42).

6) Desenvolvimento de atividades criadoras de infraestrutura

Com a mudança de visão política nos anos 1960, a necessidade de se industrializar se tornou mais evidente e o setor público, aliado à participação do capital cafeeiro, permitiu a criação de um projeto amplo de desenvolvimento industrial para o Paraná, garantindo inclusive recursos necessários para a infraestrutura. Neste projeto o estado não se restringia em promover só infraestrutura necessária, mas também em financiar diretamente empreendimentos.

Assim, pode-se observar que no ano de 1961 o total de investimentos do governo no setor industrial foi de 14,4% em relação aos gastos totais e, em 1963 esse valor já correspondia ao dobro de 1961, chegando a 1964 com cerca de 35% do total dos gastos do governo aplicado no setor industrial (CODEPAR, 1967:9).

A Codepar, além de uma ferramenta criada para promover e coordenar a industrialização no Paraná foi designada para gerir o Fundo de Desenvolvimento Estadual



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

– FDE. Este fundo, com uma significativa participação do capital gerado no âmbito do café, estabelecia que 80% dos recursos arrecadados deveriam ser empregados em obras públicas, bem como o restante, 20%, no financiamento de investimentos privados. Desta forma, a principal ligação entre o capital gerado pela cafeicultura e o financiamento de infraestrutura e atividades industriais, se dá pela arrecadação do FDE como resultado da tributação de produtos com alíquota determinada de 4,5% do total do IVC, assim como de produtos cuja tributação era determinada por incidência única, na proporção de 20% do total do IVC arrecadado (CODEPAR, 1964).

7) Movimentos migratórios

Em relação à imigração, diferente do que ocorrera em outros estados no período republicano, não houve subvenção para o Paraná. Sem o auxílio do poder público, instituíam-se um custo inviável para o fazendeiro.

No entanto, os dados levantados por Luz; Omura (1975) demonstram que grande parte dos novos proprietários de terras no Norte do Paraná era de descendentes de imigrantes, que neste instante migraram para o estado. Os dados do IBGE, entre 1940 e 1970 demonstram um significativo afluxo populacional para a região, em decorrência do crescimento das atividades cafeeiras. O rápido surgimento e crescimento de cidades são evidências desta atratividade.

8) Disponibilidade de terras

A região Norte do Paraná representou uma das novas fronteiras agrícolas durante a década de 1930, justamente pela abundância de terras para cultivo. Como demonstrado na introdução, essa ocupação se dá por meio de empresas colonizadoras, processo que passa a se esgotar somente na década de 1960, com o fim de novas áreas para plantio. Além disso, o declínio da atividade cafeeira nos anos 1960 desestimula a compra de terras na região, principalmente pelo declínio da produção agrícola em pequenas propriedades. Esse efeito se justifica pela modernização agrícola nos anos 1970 (IPARDES, 1982).

9) Capital externo

Como mencionado na introdução, a peculiaridade da cafeicultura no Norte Novo do Paraná se dá principalmente pela presença do investimento estrangeiro direto. Ao contrário dos latifúndios paulistas, houve na região a presença de empresas estrangeiras



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

colonizadoras, como a *Brazil Syndicate*, depois *Paraná Plantations Co.*, posteriormente chamada de Companhia de Terras Norte do Paraná e, atualmente, Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que adquiriu grandes porções de terra no Norte Novo do Paraná, viabilizando assim o loteamento e a colonização da região. Portanto, foi significativa a presença do capital externo investido na região.

10) Políticas tarifária, monetária, de câmbio, e as políticas de defesa e valorização do café

De acordo com Delfim Neto (1959:44), no ano de 1931, o decreto 19.688, de 11 de fevereiro, autorizou a compra pelo governo de todo o café retido até 30 de junho e não comprado pelo estado de São Paulo, além da instituição de um imposto de 1\$000 para cada pé de café plantado pelos próximos cinco anos, o que na realidade representava a inviabilidade da expansão da cultura. No entanto, sob a influência do Paraná, e de outros estados produtores em menor escala, esta regra só foi aplicada apenas para os estados com mais de 50 milhões de cafeeiros, o que favoreceu a expansão da cultura na região.

Considerando o período de grande representatividade da atividade em termos de exportação (década de 1950 e 1960) as políticas de defesa do café já não eram prioridades para o governo federal, diante do processo de industrialização em curso.

Conclusão

Embora o café no Paraná traga consigo muitas características de um complexo cafeeiro, isso não se comprova totalmente ao se verificar uma modesta participação de atividades industriais como resultado do reinvestimento do capital cafeeiro¹⁰. A relação é muito mais em atrair o investimento industrial para a região e sustentar um nível de consumo, como será demonstrado.

¹⁰ Essa afirmação foi observada e é válida no âmbito da cidade de Londrina, a única a dispor de informações pormenorizadas, para a qual será apresentado um conjunto de dados levantados pela CODEPAR (1967) sobre a origem dos empresários e suas atividades anteriores.



**Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo
Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal**

Quadro 06. Atividades anteriores dos empresários de Londrina (1967).

Atividade Anterior dos empresários de Londrina em 1967	
Agricultura	11%
Comércio	31%
Indústria	51%
Outros	7%

Adaptação do autor, com base em: CODEPAR, 1967:78.

Ainda que tenha havido transferência de renda do setor cafeeiro para as atividades industriais por meio do setor público, beneficiando-as, não há evidências de que essas atividades industriais tenham conseguido constituir o elemento fundamental que justifique a conceituação de um complexo cafeeiro - o distanciamento das atividades cafeeiras e a condição de formação de capital dentro do próprio setor. De acordo com Truzzi (1985: 176), um complexo cafeeiro se forma quando “*O processo de acumulação de capital na industrial que antes se mostrava exógeno e reflexo, isto é, dependente de outra atividade econômica – o café – passa a ser agora endógeno e com dinâmica própria. A indústria passa a crescer a partir de seus próprios lucros*”.

Pelo menos até o fim da década de 1960, as atividades industriais foram fortemente influenciadas pela cafeicultura, e a manutenção do nível de consumo permaneceu dependente da atividade primária.

Portanto, a cafeicultura na região toma as características de um complexo diante do conjunto de atividades industriais ligadas ao café, porém, distancia-se do conceito de Cano (1977:17) ao não permitir a fundamental acumulação endógena de capital dentro das atividades industriais e “*embora espacialmente inseridas num mesmo sistema “regional” ou nacional, não possibilitaram a formação de um “complexo” integrado que pudesse desencadear um processo dinâmico de acumulação ao próprio sistema em que estão inseridas*”.

Acredita-se ainda, que essa dependência permanente do setor primário levou as atividades industriais do Norte do Paraná a serem tão pouco exploradas diante das discussões sobre a formação industrial do estado, tipicamente ligadas à região de Curitiba.



Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal

Referências

- ABREU, M. P. *A Economia Brasileira: 1930-1964*. Rio de Janeiro: PUC, 2010. Disponível em: <www.econ.puc-rio.br/pdf/td585.pdf> Acesso em: 02 set. 2014.
- A PIONEIRA. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.2, jul-ago de 1948.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, 1948.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.5, set-out de 1949.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.6, nov-dez de 1949.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.7, jul-ago de 1950.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.8, jul. de 1951.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.9, out. de 1951.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.15, abr. de 1954.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.16, dez. de 1954.
- _____. O retrato do Norte do Paraná. Londrina, n.17, jan-fev de 1955.
- ARIAS, José Miguel. Pioneirismo: discurso político e identidade regional. *História & Ensino*. Londrina, 1995 pp. 69-82. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/download/.../11128> Acesso em: 16 set 2016.
- BALHANA, A. P., PINHEIRO MACHADO, B., WESTPHALEN, C. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BANCO DO ESTADO DO PARANÁ. *Evolução e programa de expansão*. Curitiba, 1963.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 1 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1977.
- CANCIAN, N. *Cafeicultura Paranaense – 1900/1970*. Curitiba: Grafipar, 1981.
- CMNP. *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná: depoimentos sobre a maior obra no gênero realizada por uma empresa privada*. 24 de setembro de 1975. 3ª edição, 2013. Disponível em: <<http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/50anos-cmnp/flip/>> Acesso em: 16 set. 2016.
- CODEPAR. Relatório de gestão FDE e CODEPAR. Curitiba: CADEPAR, 1964.
- _____. Análise da conjuntura econômica do Paraná. jan. 1967.
- _____. Levantamento industrial de Londrina. dez. 1967.
- CROCETTI, Z. S. *Evolução Sócio-Espacial do Paraná (Estudos de Geografia Econômica do Paraná)*. *Dissertação de mestrado*. Desenvolvimento Regional e Urbano. Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, 2007.
- DELFIN NETTO, Antônio. *O problema do café no Brasil*. São Paulo: IPE/USP, 1981.
- CAMOLEZI, A. B.; COSTA, J. M. A Substituição de Culturas e a Dinâmica Populacional no Norte Paranaense entre 1930-2005. *Encuentro de Geógrafos de América Latina*, 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area06/6046Camolezi_Bruno_Aurelio.pdf> Acesso em: 02 set. 2014.
- DOC.LONDRINA. *Anúncios da cia. de terras no Estadão*. Disponível em: <<http://doclondrina.blogspot.com.br/2012/03/anuncios-da-cia-de-terras-no-estadao.html>> Acesso em: 16 set. 2016.
- ESTADÃO. *Reclames do Estadão*. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/>> Acesso em: 02 set. 2014.
- GIAMBIAGI, F.; VILLELA, A (orgs.). *Economia Brasileira Contemporânea (1945 – 2004)*. 10 ed. São Paulo: Campus, 2005.



**Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo
Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal**

GRANDI, Guilherme. *Estado e capital ferroviário em São Paulo: A companhia paulista de estradas de ferro entre 1930 e 1961*. São Paulo: Alameda, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Setor Externo*. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 02 set. 2014.

_____. Censo agrícola de 1950.

_____. Censo agrícola de 1960.

_____. Censo agrícola de 1970.

_____. Censo demográfico de 1950.

_____. Censo demográfico de 1960.

_____. Censo demográfico de 1970.

_____. Censo industrial de 1950.

_____. Censo industrial de 1960.

_____. Censo industrial de 1970.

_____. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, 1959.

_____. Recenseamento geral do Brasil. Série regional. Parte XVIII, Paraná. Rio de Janeiro, 1951.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. *Paraná: Economia e Sociedade*. Fev. 1981. Disponível em: <www.ipardes.pr.gov.br>. Acesso em: 17 mar. 2018.

IZEPÃO, R. L. Planejamento, Política e Economia: uma análise da prática governamental paranaense. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP, São Paulo, 2008.

KOHLEPP, Gerd. *Colonização agrária no Norte do Paraná: processos geoeconômicos e sociogeográficos de desenvolvimento de uma zona subtropical do Brasil sob a influência da plantação de café*. Maringá: Eduem, 2014.

LINARDI, Maria Cecília Nogueira. Pioneirismo e modernidade: a urbanização de Londrina-PR. Tese de doutorado. USP/FFLCH, 1995.

LUZ, France; OMURA, Ivani. A propriedade rural no sistema de colonização da companhia melhoramentos norte do Paraná – município de Maringá. *Anais do VIII Simpósio nacional dos professores universitários de história (ANPUH)*. Aracaju, set. 1975. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/?p=18629>> Acesso em 17 mar. 2018.

MARTINS & JOHNSTON. *150 anos de café*. São Paulo: Salamandra, 1992.

MILLIET, Sérgio. *Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história social e do Brasil*. 13ª ed. São Paulo: Coleção departamento de cultura, 1941.

MONBEIG, Pierre. A zona pioneira do Norte-Paraná. In. *Boletim Geográfico*: São Paulo, ano III, n. 25, 1945.

_____. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo, 1952.

MORESQUI, Denizia. *Contos, crônica e história*. Disponível em:

<http://deniziamoresqui.blogspot.com.br/2017/02/historia-de-itambe-parte-15.html>.

Acesso em: 13 mar. 2018.

OKUYAMA, Rosa. Cidades do Norte do Paraná. Trabalho de graduação interdisciplinar – TGI. Orientação: Gustavo N. da Rocha Filho. USP/FAU, 1975.

OLIVEIRA, W.; MORELLI, A.J. Descrição e Digitalização das Fotografias Aéreas Produzidas pelo IBC/GERCA no Estado do Paraná no Ano de 1970. *Congresso Internacional de História*, 2011. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/277.pdf>> Acesso em: 02 set. 2014.



**Café E Atividades Industriais No Norte Do Paraná: A Formação De Um Complexo
Cafeeiro? (1940-1970) – Leonardo Antonio Santin Gardenal**

- ORENSTEIN L.; SOCHACZEWSKI, A. C. Democracia com Desenvolvimento: 1956 – 1961 In. *A Ordem do Progresso: Cem Anos de Política Econômica Republicana 1889 – 1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- PADIS, P. C. *Formação de Uma Economia Periférica: o caso do Paraná*. 2 ed. Curitiba: IPARDES, 2006.
- POZZOBON, I. *A Epopéia do Café no Paraná*. Londrina: Grafmark, 2006.
- SEMEGHINI, Ulysses C. *Do café à indústria: uma cidade e seu tempo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- SERRA, E. Reflexões Sobre a Origem da Crise Agrária no Norte do Paraná. *Boletim de Geografia* nº 19, 2001. Pp. 45-58. Disponível em: <www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/12861> acesso em: 02 set. 2014.
- SILVA, S. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*. 6 ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.
- SCHWARTZ, Widson. Poder emergente no sertão. Londrina: Midiograf, 1997.
- TAUNAY, Affonso de Escragnolle. *História do café no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1943.
- TRINTIN, Jaime Graciano. *A Nova Economia Paranaense: 1970 – 2000*. Maringá: Eduem, 2006.
- TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Café e indústria no interior de São Paulo: o caso de São Carlos. (dissertação de Mestrado). *Curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV – área de concentração: administração e planejamento urbano*. São Paulo, 1985.